

**A REPRESENTAÇÃO E COTIDIANO DA AMAZÔNIA NO CONTEXTO DAS OBRAS: Amazônia,
Paraíso dos Naturalistas (Hideraldo Costa)
Pescas, piquiniques, banhos, a cultura e os lazeres locais no olhar dos viajantes do século
XIX (Simone Villanova)**

DIAS, Naia Maria Guerreiro¹
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

O presente artigo foi construído a partir de reflexões epistemológicas das obras de Hideraldo Costa, *Amazônia: Paraíso dos Naturalistas* e de Simone Villanova: *Pescas, piquiniques, banhos, a cultura e os lazeres locais no olhar dos viajantes do século XIX*, buscando as fontes, as metodologias, os aportes teóricos que utilizaram para construir sua produção historiográfica. Faz-se uma análise comparativa sobre o modo como esses historiadores narram a história construída acerca do objeto de estudo, contextualizando o período histórico e espacial que dialogam com suas fontes, apontando ainda alguns contribuições do historiador para a produção do saber histórico sobre a Amazônia na contemporaneidade.

Palavras-chave: Amazônia, representação, cotidiano, viajantes naturalistas.

Abstract

The present article was constructed from epistemological reflections of the works of Hideraldo Costa, *Amazon: Paradise of the Naturalists* and of Simone Villanova: *Fisheries, piquiniques, baths, the culture and the local leisures in the look of the travelers of century XIX*, searching the sources, the methodologies, the theoretical contributions that they used to build their historiographic production. A comparative analysis is made of how these historians tell the constructed history about the object of study, contextualizing the historical and spatial period that dialogue with its sources, pointing out some contributions of the historian to the production of historical knowledge about the Amazon in contemporaneity.

Keywords: Amazon, representation, everyday, naturalistic travelers.

Introdução

Pensar a Amazônia é embarcar em sua complexidade (Batista, 2007). Se no século XVI o processo de conquista foi motivado pela colonização, nos séculos XVII e XVIII o olhar da Coroa Portuguesa fixou-se nas questões territoriais e uso da mão de obra indígena, com apoio dos missionários até sua expulsão realizada pelo marquês de Pombal.

No século XIX, com forte apego ao cientificismo, os viajantes naturalistas, embarcam na visão evolucionista e passam a ver a Amazônia ou o homem amazônida pelo

¹ Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia.

víeis do racionalismo. Centrados na teoria evolucionista, em que Costa (2001) analisou que a Amazônia em vez de ser Paraíso dos naturalistas passou a ser Paraíso Científico dos Naturalistas.

Villanova (2011) analisa as narrativas dos viajantes europeus na metade do século XIX, acerca das questões dos hábitos e costumes indígenas, da população branca e da elite – que nos relatos de Avé-Lallemant, a elite de Manaus era composta não somente por portugueses, mas por funcionários públicos e homens que exerciam função político-administrativo.

Cada um desses historiadores se apropriaram de modo particular das narrativas dos navegantes do século XIX e fizeram sua escrita de maneira diferenciada. Seus objetos de estudo ficam bem evidentes assim como o navegar metodológico que se propuseram a percorrer, oferecendo ao leitor um momento significativo acerca da complexidade da Amazônia desse tempo histórico à contemporaneidade.

Representação e Cotidiano da Amazônia nas narrativas dos viajantes do século XIX

A análise historiográfica de Hideraldo Costa e Simone Villanova estão pautadas nas representações e cotidiano do homem amazônida retratada nas narrativas dos viajantes do século XIX, imbuídos nessa conjuntura, da questão científica, tendo em vista está em evidencia a teoria evolucionista.

Para Costa (2001) o início do século XIX deixou de ser o paraíso dos naturalistas, para ser o paraíso científico dos naturalistas, pois por sua complexidade, a Amazônia tinha muito o que ser pesquisada, desvelada e revelada para o mundo. Nessa perspectiva, a visão que se tem do espaço amazônico refere-se a representação que a cultura dominante ocidental construiu a partir de sua realidade, tornando-se fundamental na discussão sobre o futuro da humanidade e do próprio sentido da vida.

É importante salientar que essa representação dominante que se tem sobre a Amazônia é uma visão imposta pelo colonizador, podendo ser considerada uma visão de quem não vive na região, além de fortalecer a ideia de que a Amazônia é uma região periférica, atrasada. Mas que essa região ao longo de sua história despertou a curiosidade de muitos estudiosos que em busca pela compreensão dos processos de inter-relação entre o homem e a natureza, produziram discursos diferenciados acerca da sociedade e cultura amazônica.

Do ponto de vista social Costa (2001) destaca que nos relatos a característica mais marcante da Amazônia, diz respeito à natureza híbrida da população e a problemática da mestiçagem. Villanova (2011) apesar de trabalhar com as narrativas dos viajantes da metade do século XIX, busca construir os elementos sociais ligados a festa, lazer, costumes da população local e também destaca como a elite vivia na Amazônia, de modo particular em Manaus.

Costa (2001) esclarece que a Amazônia primeiramente foi revelada pelo olhar dos viajantes, missionários e naturalistas, que se prendiam ao fascínio do estranho. Mas que esse estranho foi descrito pela ótica eurocêntrica, sendo criados diversos estereótipos para esses sujeitos históricos.

Villanova (2011) analisa que há nos relatos mais condenação aos costumes e cultura indígena ligados ao lazer campestre com a caça, a pesca e o hábito de tomar banho nu nos igarapés. Destaca que a chamada cultura erudita da época não se separava da cultura popular no caso de Manaus- o que nos leva a compreender que de um modo específico, os autores denunciam a problemática vivenciada até hoje que é a questão das diferenças raciais.

Essa visão da representação e cotidiano dos ditos civilizados com os indígenas compreendido nas narrativas desses historiadores contemporâneos contribuem para pensar e discutir como a Amazônia foi inventada, retratada e como essa visão eurocêntrica ainda se faz presente nos discursos de muitos homens do século XXI.

Contribuições para pensar, fazer e ensinar a História da Amazônia: algumas reflexões metodológicas.

Ao considerarmos a metodologia e as fontes utilizadas pelos historiadores podemos apontar que ambos apropriaram-se das narrativas e da iconografia produzidas pelos viajantes do século XIX, como sua fonte de pesquisa, fizeram estudos embasados na história antropológica (BARROS, 2005) por tratarem das questões culturais da Amazônia e de problemáticas que envolve a alteridade.

Fizeram o recorte temático na fonte escrita- as narrativas dos viajantes do século XIX_ a qual serviu de análise sobre a Amazônia. Costa tratou da temática: narrativa dos naturalistas e Villanova debruçou-se sobre o da população que residia em Manaus/AM nessa época. Reconstruíram através da história antropológica como os primeiros relatos sobre a Amazônia foram tecidos.

Embora os historiadores tenham partido de um estudo individual, ambos, tendem a fazer a análise historiográfica à luz da metodologia da Escola dos Anales, pensando em

construir uma abordagem da história da região amazônica na perspectiva dos sujeitos que não se fazem presentes na história oficial, elucidando que a Amazônia pode ser pensada por um viés local, ou seja, pela ótica dos que nela residem, contrapondo o discurso dos colonizadores dotados de sua visão eurocêntrica e etnocêntrica sobre a região.

Hideraldo (2001) enveredou pela forma como os viajantes descreviam o homem amazônida, e criou uma categoria intitulada de Perversão da Memória. Villanova (2011) enfatiza a questão da circularidade cultural entre a dita elite civilizada e os indígenas selvagens.

Em consonância com os argumentos de Costa (2001) e Villanova (2011), o historiador que for fazer uma análise historiográfica acerca do século XIX, deve pensar e discutir acerca das diferenças raciais fortemente destacados nas narrativas dos viajantes dessa época, no sentido de evitar a repetição dessa análise preconceituosa em relação à mestiçagem.

Pensar, ensinar e produzir a história da Amazônia é uma tarefa que requer sobretudo o exercício da alteridade, o reconhecimento de que é uma região complexa não só pelas questões geográficas, mas também pelas questões culturais, econômicas, políticas e sociais.

Acredita-se que foi esse o caminho que Costa e Villanova realizaram para a construção de suas obras, que muito contribuem para o conhecimento acerca do pensamento social da Amazônia.

Considerações Finais

Buscou-se nesse estudo fazer uma análise comparativa acerca das obras de Hideraldo Costa: *Amazônia: paraíso dos naturalistas* e de Simone Villanova: *Pescas, piqueniques, banhos, a cultura e os lazeres locais no olhar do viajante do século XIX*, pontuando aspectos peculiares ao modo de pensar, fazer e ensinar a História da Amazônia de cada um desses historiadores.

Ao tomarem como fonte as narrativas e produção iconográfica dos viajantes do século XIX, tecem duras críticas ao modo como fizeram a representação da Amazônia e dos habitantes locais, supervalorizando os valores eurocêntricos em detrimento dos saberes e fazeres das populações tradicionais da região. Esclarecem que devido a teoria evolucionista, os viajantes naturalistas já vinham com ideias pré-concebidas sobre o homem da Amazônia e não conseguiram exercitar o princípio da alteridade.

E o que mais impressiona em suas produções, são as questões que esses historiadores trazem como seu objeto de estudo, ou seja, fizeram um recorte temático de questões que a

história oficial não havia discutido, como a questão das diferenças raciais e o respeito à pluralidade cultural (COSTA, 2001) e ao lazer, a pesca, o cotidiano, a cultura como elemento significativo e relevante da cultura local, quebrando com o estereótipo de que o índio, ou homem amazônico é um ser preguiçoso. E isso é encontrado nas escritas de alguns dos viajantes.(VILLANOVA,2011)

Costa e Villanova enfatizam ainda, aspectos relacionados com processos sociais e culturais que possam de algum modo contribuir para a compreensão da história cultural da Amazônia encontrando nas narrativas aspectos fundamentais para a construção de novo olhar sobre essa região.

Referências

BARROS, José D'Assunção. O Projeto de Pesquisa em História: Da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia – Análise do Processo de Desenvolvimento.** 2ª Ed. Manaus. Editora Valer, EDUA e INPA, 2007.

COSTA, Hideraldo Lima da. Amazônia: paraíso dos naturalistas. Manaus: UFAM, 2001.

VILLANOVA, Simone. Pescas, piqueniques, banhos, a cultura e os lazeres locais no olhar dos viajantes do século XIX. In: CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz de; NORONHA, Nelson Mat os de. (Org.)Manaus:UFAM, 2011.